

Marselha

Esta cidade é uma das maiores e das mais importantes da França. O estado florescente em que se acha, é devido á sua magnifica situação na costa do Mediterraneo, e ao seu excellento porto, unico que a França ali possui, para receber navios de grande lote. Dista de Pariz 802 kilometros pela estrada e 862 pelo caminho de ferro, e conta uma população de 260,000 almas.

Marselha é antiquissima. Foi fundada por uma colonia do Phoceos, sob a direcção de Simos e Protis, cerca de seiscentos annos antes da era christã. O primeiro cuidado deste povo logo que pizou o terreno da Provença, foi de collocar-se debaixo da protecção dos habitantes mais proximos: eram os Celto-Lygos que tinham por chefe Nannos. Este acolheu a colonia mui amigavelmente, e concedeu-lhe que se estabelecesse em suas terras; desde logo os Phoceos lançaram os fundamentos d'uma cidade que chamaram *Massilia*; edificaram-n'a no sitio onde ella existe ainda hoje.

Pela constante protecção de Nannus, a colonia nascente teve um augmento rapido; mas Comanus, filho e successor d'aquelle chefe, não herdou de seu pae os sentimentos de amizade para com

os Marselheses; estes estrangeiros pareceu-lhe serem vizinhos perigosos; um dos seus servidores fez redobrar os seus receios, contando-lhe a fabula da cadella que depois de ver os filhos criados se apoderára do lugar que o pastor lhe cedera para ella ir ter os filhos. «Assim, accrescentou, os Marselheses, que só occupam hoje um terreno emprestado, tornar-se-hão um dia senhores de todo o paiz.» Comanus formou desde logo o projecto de apoderar-se da colonia phoceia. Os Marselheses celebravam as festas de Flóra; Comanus fingio querer adorar os deuses d'elles, e enviou á cidade muitos soldados. Fez tambem entrar carros cobertos de folhagem, dentro dos quaes iam tambem soldados escondidos. Elle mesmo foi pôr-se de emboscada com um exercito nas montanhas proximas. Os guerreiros que haviam entrado em Marselha deviam de noute abrir as portas, e assim a matança seria geral. Uma rapariga, porem, descobrio este trama. Inmediatamente os Marselheses lançam mão das armas; todos os Lyguros encontrados na cidade são mortos; o exercito de Comanus é completamente desfeito; este chefe perece no combate com sete mil dos seus. Depois deste acontecimento, os Marselheses, convencidos

da má fé dos indigenas, vigiaram-nos attentamente, e tomaram em tempo de paz as mesmas precauções, como se fôra em época de guerra.

Desde os primeiros dias da sua existencia politica, os Marselheses contaram com os recursos que o mar podia offerecer-lhes; applicaram-se com perseverança a aproveitar a sua posição vantajosa para o commercio e navegação. A pesca tornou-se para elles um objecto importante; cultivaram a vinha com exito; implantaram a oliveira nas Gallias, ainda antes de ser conhecida na Italia. Todos os portos da Grecia e da Peninsula italiana lhes foram abertos; procuraram nestas regiões o que a natureza do seu solo lhes recusava, e em troca davam o vinho e peixe salgado. A sua situação, o seu porto soberbo, a natureza ingrata do seu territorio, a actividade dos seus habitantes, tudo, emfim, contribuia para que Marselha fosse uma cidade maritima e commercial. Os Carthagineses, ciosos do seu poder, atacaram-na, e, durante esta longa guerra, a importancia de Marselha, longe de descair, augmentou. Dois dos seus cidadãos, Pytheas e Eutymene, adquiriram grande reputação por suas viagens e descobertas. No terceiro seculo antes de Christo, Marselha era a Athenas das Gallias, uma cidade modelo de sabedoria e boa administração. O seu governo era republicano e composto de seiscentos senadores. Aliou-se com Roma, e oppoz-se em vão á invasão de Annibal; caíra, certo, nesta occasião, se Annibal chega a subjugar os Romanos. Marselha abraçou a causa de Pompeu contra Cesar; este, vencedor, punio severamente a cidade; destruiu as fortificações, as machinas de guerra, e fez com que lhe fossem entregues as armas, os navios, o thesouro publico e a cidadella, onde aquartelou duas legiões. Marselha, privada do seu poder, perdeu a influencia politica nas Gallias, mas formou uma republica commerciante, independente, sob a protecção romana. No sexto seculo os Burginhões, os Ostrogodos e os Francos talaram-na; em 752 os Sarracenos destruíram-na completamente; todos os monumentos antigos que possuia, desapareceram.

Do decimo ao decimo terceiro seculo, foi governada por bispos e viscondes, cuja administração foi má. Sobretudo, um uso estabelecido na familia dos viscondes, foi-lhe muito funesto; dividiram os seus dominios até o infinito; os filhos repartiam entre si a herança do pae; as filhas recebiam em dotes senhorios. A maior parte dos ramos dos viscondes adoptaram um nome differente do que usaram a principio; empobreceram, perderam todos os traços de sua origem e caíram em profunda obscuridade. Os Marselheses tomaram uma parte mui activa no grande movimento dos Crusados; o seu papel, porem, foi mais commercial do que bellicoso; as guerras proporcionaram-lhe grandes vantagens mercantis. Nunca nos mais brilhantes dias da antiga republica; a cidade vio tanta actividade; o porto cobrio-se de navios; todas as riquezas ali affluíram; Marselha via incessantemente chegar aos seus muros Crusados de

todos os paizes e fornecia-lhes então navios, provisões e armas. A fabricação de espadas e lanças tornou-se um dos principaes ramos do commercio marselhez; as officinas deste genero eram tão numerosas, que uma rua muitissimo extensa recebeu o nome de *Lancerie*. No anno 1267 a republica de Marselha foi submettida á auctoridade dos condes de Provença, até a morte do ultimo destes principes, Carlos III, em 1481, época em que Luiz VI tomou posse desta provincia; Marselha e o seu territorio foram assim reunidos á corôa.

(Continúa)

O GRANADEIRO

Eh! Eh! meus rapazes! ainda não viram o que eu vi e mais não tinha barba quando vi o que vi. Desde então já comi muito alqueire de sal e muito pão duro como a pelle do diabo; mas olhem que isto de guerra nem sempre é a gente deitar-se em boa cama, e dar um beijo na patrôa quando é alvorada. Rufam os tambores e bota-arriba. Andem, rapazes, paguem lá mais meio quartilho se querem que eu conte o que vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi. Contar historias sem molhar a palavra!... é como quem faz da lingua um carvão em brasa. E tu lá, recruta, dá cá um cigarro que a vida é fumo e quem não fuma não vive. Eh! eh! Muitas coisas acontecem que não vem nos livros. E então quando as descargas conversam com o écco, as bayonetadas namoram o sol, e as peças espirram grosso e tem catharro nas goêlas... eh! eh! levem os diabos aos que não mordem o cartucho e tapam as ventas para não cheirarem a polvora.

Olhem bem para mim, meus fedelhos! Já enguli um bom par de janeiros e nem por isso tenho a barriga mais cheia. Velhos tempos! velhos tempos! Tempos revelhos digo eu. Bons eram. Nesse tempo andava eu direito como um fueiro, e por mais que bebesse...

Os recrutas pagavam então, sem pestanejar meia canada a um veterano e ainda em cima diziam — muito obrigado. Dá cá mais meio quartilho, que o fallar é como a alface. Boa palavra boa rega. Eh! eh! Que diacho ia eu a dizer?...

Bons tempos! Quando o inglez vermelho como um tomate dizia: *goddam*, respondia o portuguez: *salta para fóra bruto!* E carregavamos os francezes!... Era bayonetada para a frente, coronhada para o lado, que até os castelhanos preferiam o sangue de francez ao sangue de touro! E os rios diziam: — Com mil demonios! Vem as aguas tão vermelhas, que até já temos sede!

Bons tempos! Hein! E então se todos vissem o que eu vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi, nem sombras de buço! As vezes tinha a cara negra. Eram beijos de polvora, que de vez em quando... ft! e a escorva ardia, e eu ria-me para ella; e a bala, trap! e o francez chorava. Bons tempos! e eu que o diga, que vi o que vi, e mais... Hoje, pelas tripas do diabo, tenho a cara sempre branca e os cabellos tambem. São beijos do tempo. Apre lá! Os janeiros são como

os caiadores. Engole a gente um anno e vae se não quando, é uma demão de cal na frontaria.

Então não tinha nem sombras de buço, e hoje .. com os dèmos, tenho os bigodes brancos. Tinta com elles! Venha do roxo...

Ora, pois, formem quadrado aqui, em volta de mim.

Eu cá sou o mestre da musica... para tudo ir a compasso.

Era no pino do inverno. Chovia se Deus a dava, pelos cerros dos Pyreneus. Pedra havia em barda. A respeito de terra havia assim a modo um rai-zedo, tanto bonda para enterrar um homem... de companhia com os lobos, que andavam de alcatêa a fazer cruces na boca, os excommungados! como se fossem bons christãos. E que frio! Era *taró* de matar bicho! Fazia um vento... aquillo parecia folle de ferreiro em fornalha apagada! Lá por aquelles agachizes, chorava o tal vento que parecia um rebanho de cabritos a caminharem para o açougue. E que poças pelos carreiros! A gente a andar e os pés a dizerem clap! clap! como se os dedos fossem rãs! Fome de palmo! Havia por lá inglez, que comeu a lingua cuidando que era bife!

Nós caminhavamos na avançada na cola dos francezes, que iam de rota batida a sete pés. Que lá de feição eram elles e tambem o velho raposa (1) que ficára na rectaguarda. Bons tempos! O general ia na frente na avançada, e atraz na retirada. Bons tempos! E eu que o diga, que vi o que vi, e mais não tinha barba nem sombra de buço, quando vi o que vi!

De repente, pensei que o diabo accendera a lumecira e mastigava em seco. Era fogo nos piquetes, por todos aquelles montes, e lá no fundo roncava um rio, aonde iam parar os que escorregavam nos penhascos.

Mau! disse com os meus botões. Os diabos levem as noites, em que a gente dorme de pé e tem destes pesadellos.

Ah! rapazes. Lembrei-me da minha choça, e da velhita desdentada, que deitou cá para fóra esta cegonha, que aqui vêem. Eu sei lá o que me lembra? Levei com um balasio. Ruim cereja que só tinha caroço! Cai de bruços pendurado por uma perna para um fojo, á laia de pintasilgo apanhado no laço. E se não havia de cair! Vá lá um homem ficar direito! Cambaleiar... ora! É a gente beber um pingo. Cair assim... só com um balasio que vase o peito.

Se eu dormi não sei: os sonhos não haviam de ser dos mais bonitos. Quando acordei... eh! eh! rapazotes.

A guerra é assim coisa de adega de lavrador rico. Ha lá de tudo.

Zurrapa e vinho fino! zurrapa já eu levava, faltava o vinho fino!

Era uma rapariga guapa e gorducha como um anjo. Boas cores, bons dentes, bom cabello... Com os demonios! Eu cá não sou pintor.

Era viuva. Morrera-lhe o marido n'uma refrega. Casa com escriptos, resmunguei. Saio ao pin-

tar. Compral-a não, que lá está a companhia á minba espera; mas alugal-a... E bem dito bem feito. Estava ainda fraco como um pisco. Não importa. Chamo a moça e digo-lhe com voz magana: menina, venha d'ahi uma garrafa para matar a sede do coração. E a moça rio-se com um ar aberto, e deu-me uma garrafa de cidra. Fiz uma careta, mas fui bebendo.

Que boa vida! A ferida custava a curar, mas cá dentro abria-se outra.

Passados dias a moça era minba companheira. Salta aqui, rapariga. Traze isto, leva aquillo. Bastava um aceno... Emfim, boas moças ha nos Pyreneus. As vezes tambem são levadas do diabo e teem pacto com o tinhoso. Diga-o eu, e basta. Uma noite, já eu estava melhor, e comera á tripa-forra, ao pé da rapariga, que não via outrem senão a mim. Fumando e bebendo, fazendo as minhas festas no rosto da viuva, adormeci. Lá o que aconteceu por alta noite, não sei; mas a respeito de companheira, nada. Apalpo, e não a encontro. Eh! Temos feitiço! Volto-me para o outro lado, finjo que durmo, quando ouço uns gemidos.

Oh! lá camarada, passe palavra, digo eu. Ninguém respondeu.

Ergo-me... ia assim a cambaleiar um pouco. Cae aqui, tem-te acolá, chego ao larario, acendo a candêa, *bt!* fico ás escuras. Accendo outra vez, *bt!* A terceira o mesmo. Alto lá, camarada, gritei testo. Nada de brincar com um caçador portuguez. Responde-me a bruxa da rapariga, saltando não sei d'onde, abraçada a uma aventesma... feia como uma raposa. Que diacho é isto? Anda cá, moça, que vou ver se as costellas estão no seu lugar. Mas qual! Não veio nem á mão de Deus Padre. Parecia um recruta de resinga com o cabo de esquadra. Avancei, mas o phantasma pega n'um zambujo e dá-me uma tunda, que quando me lembra andam-me as costellas a passo de carga.

E a feiticeira ria-se, e deitava-me uns olhos!..

O que havia de fazer? Botei-me ao phantasma e qual debaixo qual de cima...

— Que diabo tens tu, camarada? diz-me o anspeçada da companhia que dormia ao meu lado no piquete.

— Hein? digo eu esfregando os olhos.

— A modo que a cidra fez-te mal quando vies-te da vedeta? Ferveu-te lá dentro nas tripas! Boa era ella, e mais a rapariga que a deu! Malditos sitios. Pedras e mais pedras, nem a gente sabe como ha de *ferrar o olho!* E tu que ainda estás ferido, meu velho! Fez-te mal cidra, hein?

Eh! ch! rapazes. Isto de guerra é coisa do diabo.

E a respeito dos Pyreneus ninguem me falle..

Bruxas e pedras!

E cidra ruim! Venha de lá mais meio, que é melhor! Boa terra esta! Bons tempos os de então! E eu que o diga, que vi o que vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi, nem sombra de buço.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

(1) O marechal Soult.

CARLOS II DE HESPAÑIA

(Continuação)

Criado secretamente em Ocana, só elle, de entre os filhos naturaes de Philippe, obtivera da ternura maternal o reconhecimento publico e solemne de sua augusta origem; e, ou pelo carinho com que tratava sua mãe, que no dizer dos seus contemporaneos, offerencia as mais raras qualidades de belleza e discrição, e que fez esquecer os seus extravios, professando de religiosa carmelita em um convento da Alcarria, ou, pelas distinctas prendas de talento e valor que D. João desde tenra idade annunciava, o certo é que o rei orgulhava-se de ser seu pae e enchia-o de graças e honras proprias de uma pessoa real. O povo tambem, e os cortezãos, que a principio murmuraram e censuraram apaixonadamente a origem bastarda de D. João, e que chegaram, até, a duvidar da realeza do seu sangue, attribuindo-o ao duque de Medina de las Torres, que, parece, havia tambem galanteado a Calderon, e com o qual pretendiam achar-lhe maior semelhança, acabaram, à vista dos dotes e qualidades verdadeiramente regias do joven D. João, por dissipar as suspeitas e presumpções contrarias, e por sympathisar com elle e amal-o tão entranhavelmente como a um principe legitimo.

Effectivamente, D. João era um principe valente, discreto e elegante; um homem honrado e cavalleiroso, e que figurara dignamente desde os seus primeiros annos nos mais altos cargos e dignidades do estado: como governador dos Paizes Baixos e de Borgonha, como vice-rei e general victorioso do reino de Napoles, como grão prior de Castella na ordem de Malta, e, por ultimo, como presidente do conselho de estado, e intimo confidente do rei, seu pae.

Pouco tempo depois da morte de Philippe, observando D. João o rapido e assombroso ascendente que o padre confessor (já conselheiro de estado) tomava no espirito da rainha, e não conseguindo logo de prompto oppor-lhe o seu fraco predominio, teve de afastar-se voluntariamente da scena politica, retirando-se para o seu castello de Consuegra, residencia ordinaria dos gran priores de S. João; mas, complicando-se depois as pretensões do rei de França sobre os estados dos Paizes-Baixos, a ponto de apoderar-se com mão armada de algumas de suas praças, e promover uma guerra desastrosa para defendel-as, foi chamado D. João para castigar aquelle attentado, confiando-se-lhe o commando do exercito, que já em outras occasiões soubera conduzir à victoria. Neste ponto a rainha operara tambem politicamente, para ter longe da côrte o principe, em cujas francas demenstrações podera notar certo desdem e aversão ao jesuita favorito, demenstrações e palavras umas vezes graves, outras festivas que chegaram ao extremo de dizer em pleno conselho e diante do interessado, *que o seu parecer era que fosse enviado para Flandres, o padre Nitard, santo varão a quem o céu nada poderia negar; e a prova da sua milagrosa virtude*

(*accreseentou sorrindo*) *é, sem duvida alguma, o posto em que o vemos hoje.* — «Eu creio firmemente, replicou contricte o confessor, que nada é negado pela misericordia divina áquelles que confiam sinceramente n'ella; mas tambem conheço que o meu dever e a minha profissão me chamam a outros serviços diferentes dos de um general do exercito. — Não seria esta, tornou D. João, a primeira cousa estranha á vossa profissão e ao vosso character, nos quaes vos vemos brithar todos os dias, meu padre.

Resolveu-se, emfim, que D. João se pozesse á frente do exercito que devia passar a Flandres: aprestaram-se os navios necessarios para o transporte, em Cadiz e Corunha; e D. João, do ultimo destes portos, ia enviando os corpos a pouco e pouco, não achando prudente romper logo combate com a armada franceza, muito superior em numero, que crusava n'aquellas aguas. Entretanto os inglezes e hollandezes, feitas as pazes entre si, uniam-se á França contra a Hespanha, e arrastados pelo ascendente de Luiz XIV, o eleitor de Tréves, o Palatino, os duques de Baviera e de Brunswinck formavam uma liga em defeza propria e com o fim de obrigar as potencias belligerantes a harmonisarem a differença, que entre ellas havia, de uma maneira conveniente para todos. Por fim, o proprio papa interveio na contenda, e a paz foi firmada em Aix-la-Chapelle.

Neste intervallo, e emquanto D. João, como fica dito, esperava na Corunha o momento opportuno para embarcar, chegou a seus ouvidos a noticia do supplicio de D. José Malladas, fidalgo aragonéz muito seu partidario, a quem, debaixo de todo o segredo, o governo mandára prender e tirar a vida em poucas horas por causas, que se não poderam averiguar, mas que se suppozeram forjadas pela malevolencia do confessor. D. João, profundamente sentido pelo tragico fim de uma pessoa a quem tanto estimava, e exasperado ao ultimo ponto pelo ultrage que, nesta morte, julgava ter recebido do padre Nitard, determinou não partir para Flandres, suppondo que o que se pretendia era afastal-o da côrte e, talvez, abandonal-o sem recursos ás forças superiores do rei de França, e sob pretexto de uma doença de peito, escreveu á rainha pedindo-lhe que o dispensasse do commando do exercito.

Tão subita mudança e tão alheia do valor reconhecido de D. João, causou uma estranha surpresa na côrte e um sentimento profundo na rainha e no confessor. Estes, comtudo, poderam penetrar na causa verdadeira da recusa, e reconhecer a sua imprudencia no sacrificio de Malladas; mas não podendo já remedial-o communicaram a D. João as ordens para entregar o mando ao condestavel de Castella, que conduziria as tropas a Flandres, em quanto que elle, D. João, devia retirar-se immediatamente para Consuegra.

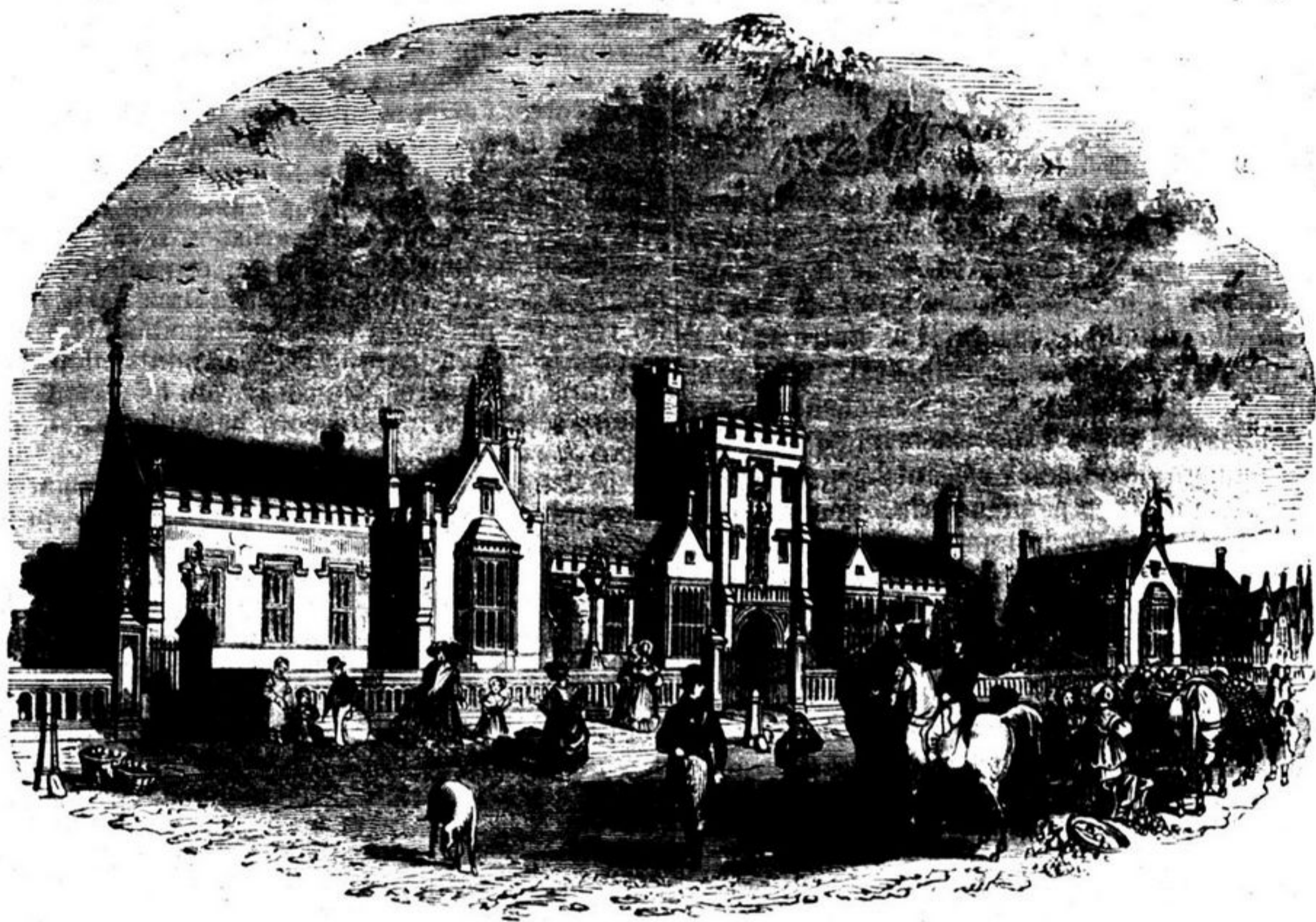
O principe obedeceu sem replica; mas a sua obediencia, longe de aplacar a ira da rainha, deu-lhe novas forças para apresentar pessoalmente no conselho um terrivel decreto contra D. João, alle-

gando a sua falta de respeito em negar-se ao comando das tropas em um momento tão critico, e sob o falso pretexto de uma doença simulada, com o que faltára á verdade e ao throno.

Tudo isto chegou breve ao conhecimento de D. João, o qual foi tanto mais sensivel a este procedimento da rainha, quanto julgava havel-a desarmado com o não queixar-se publicamente da morte de Malladas. Todavia, porem, occorreu outro incidente que acabou de irritar os animos. Um capitão chamado D. Pedro Pinilla, sollicitou e obteve uma audiencia da rainha, na qual, sem duvida pode revelar-lhe alguns dados importantes contra D. Bernardo Patino, irmão do secretario de D. João; porque, no dia seguinte, foi preso com grande rigor, ao mesmo tempo que o marquez de Salinas, capitão da guarda hespanhola, recebeu ordem da rainha para se dirigir com forças suficien-

tes a Consuegra, e prender o principe; advertido, porém, este opportunamente por seus numerosos amigos, pode evitar o encontro, e fugio, deixando uma carta para a rainha, datada de 21 de outubro de 1668, na qual em termos mui fortes, lhe confessava a causa da sua recusa em ir a Flandres, o seu justo resentimento pela morte de Malladas, que não duvidava ser obra do padre Nitard; que um tal attentado reclamava uma terrivel vingança, e que antes d'elle contribuir por sua parte para levá-la a cabo, supplicava-lhe que afastasse do seu lado um tão máo conselheiro; concluindo a sua carta com um severo protesto contra a necessidade em que se punha um individuo da sua jerarchia e com taes serviços a fugir do paiz e a procurar um asylo no estrangeiro contra tão odiosa perseguição.

(Continua)



Uma escola de Bedford

Bedford é um pequeno condado da Inglaterra situado entre Huntingdon, Cambridg, Hertford e Buckingham, e a 72 kilometros ao N-N-O de Londres.

A sua população eleva-se a cento e trinta e cinco mil almas, espalhadas sobre uma superficie de cento e vinte mil hectares. O sólo desta provincia, na sua maior parte plano, mas, para o meio dia, coberto de estereis montanhas calcareas, é, na generalidade, bem cultivado, e mesmo, para oeste, de uma notavel fertilidade. Os seus habi-

tantes, laboriosos como todos os filhos de Albion, entregam-se, com exito, á agricultura, horticul-tura e criação de gados; a sua industria manu-factureira, porém, limita-se á fabricação de ren-das, flannels, pannos, chapéos de palha e quin-quilharias. Tambem exportam, com vantagem, a greda, muito commum n'esta parte da Inglaterra e de uma qualidade superior. As communicações entre este condado e Londres acham-se facilita-das desde 1849, pela construcção de um entron-camento do *London and North Western railway*.

A capital deste condado chamada, igualmente, Bedford, está situada sobre o Ouse, que, n'aquelle ponto se torna navegavel; é o deposito das manufacturas do condado e o centro de um commercio activissimo em trigos, carvão, madeiras de construcção, ferro e cobre. O numero, porém, dos seus habitantes não excede a cifra de treze mil e quinhentos.

Esta cidade, conhecida outr'ora por *Bedicanford*, foi theatro no sexto seculo de um combate entre os saxonios e os bretões, em seguida de varias pelejas entre aquelles e os dinamarquezes; e pelos annos de 1010, estes ultimos quasi que a reduziram a cinzas. Em 1137, foi tomada pelo rei Eduardo e no principio do decimo terceiro seculo por Faulkes de Bréant, que, confiado nas suas tropas e na defenza do castello, por muito tempo disputou a victoria ás tropas que Henrique III mandára contra elle. O principe Plantagenet, ou, como o chama Shakspeare, o principe João de Lancastre, filho de Henrique IV, que em vida de seu pae fôra governador de Berwich e depois regente de França, foi nomeado duque de Bedford no segundo anno do reinado de seu irmão Henrique V. Dois seculos mais tarde, o titulo passou á familia Russell.

A cidade tem sido, nestes ultimo annos, muito aformoseada e possui uma ponte magnifica de cinco arcos, construida em 1810 no lugar onde havia outra de sete, que, dizem, fôra feita com os materiaes do castello desmantellado. Entre as suas cinco igrejas, é notavel a cathedral, veneravel monumento de architectura gothica construido entre os annos de 1350 e 1400. Além d'isso conta um grande numero de edificios elegantes, um hospital d'alienados, um vasto penitenciario, uma biblioteca publica e um grande numero de escolas, das quaes a principal é a que se vê em a nossa gravura, e que foi construida no reinado de Henrique IV por sir William Harpur.

FRANCISCO PIZARRO

(Continuação)

O crime chama o crime, o sangue provoca o sangue. O medo produz o mesmo effeito na alma do vencido que a crueldade no espirito do vencedor. Atahualpa sabendo que seu irmão Huescar fôra na sua prisão visitado por Hespanhoes, e temendo que elle tivesse sabido excitar a cubica e provocar as paixões sanguinarias dos seus feroces vencedores deu ordens secretas para que o desgraçado prisioneiro fosse assassinado, ordem que fielmente se executou. É assim que o sangue provoca o sangue, é assim que as represalias commecam, é assim que estas luctas, onde o vencedor não respeita as leis da justiça e da moralidade, tomam em breve um caracter horrendo e inscrevem o assassinio e o crime nos pendões d'esses e d'outros adversarios.

Entretanto os hespanhoes dividiam entre si solememente o producto dos seus roubos e da sua perfidia. No dia de S. Thiago, do padroeiro das Hespanhas, depois de terem ouvido devotamente uma festiva missa, dita por aquelle padre Valverde, de cujo estúpido, e sanguinario fanatismo já informámos os leitores, depois de terem

invocado o Omnipotente, para que elle viesse sanctificar os horrendos crimes commettidos em seu nome, procederam os conquistadores a essa cubicada repartição. Torrentes d'ouro correram então diante dos olhos deslumbrados dos companheiros de Pizarro, e o fulvo reflexo d'esse metal fascinador, em vez de os saciar, ainda mais lhes accendeu a cubica, á avareza, todas as paixões vis que fermentavam no baixo espirito desses aventureiros.

Tendo pago o seu resgate o misero Atahualpa reclamou a sua liberdade. Mas esse mesmo prompto pagamento foi causa da sua ruina. Tinha tanto de manhosa como de pouco escrupulosa a politica de Pizarro. Se os Peruvianos obedeciam com tanta promptidão ás ordens do seu monarcha prisioneiro, é porque a realza exercia sobre elles todo o seu prestigio. Conservando Atahualpa debaixo de perpétua ameaça, conservava tambem o imperio submisso. Fôra essa a politica empregada por Cortez com Montezuma, soberano do Mexico. Mas, se Pizarro, com a perspicacia do genio, concebia grandes planos, não tinha, como o conquistador do imperio dos Azteques, a practica dos negocios, a fineza que só a educação desenvolve; Cortez soubera conservar Montezuma debaixo do seu jugo, não lhe coarctando em apparencia a liberdade, e deixando-o no throno como um titere cujos fios elle em segredo movia. Pizarro rodeou de guardas o inca, alienou completamente o seu espirito, e, excluindo Almagro e os seus companheiros d'uma parte igual no resgate, provocou as suas suspeitas. Já vimos a tocante confiança que estes bandidos depositavam uns nos outros. Desconfiaram os recém-chegados, e provavelmente com bastante razão, que Pizarro, conservando o inca prisioneiro, chamaria a si todas as quantias que pudesse angariar, allegando que eram o complemento do preço da sua liberdade. Em vista d'isso, pediram, voz em grita, que Atahualpa fosse condemnado á morte.

Uma questão mesquinha de amor-proprio decido a sorte do pobre Peruviano. Certo respeito que Fernando Pizarro, e Fernando Soto lhe manifestavam conciliára as suas sympathias, ao passo que os grosseiros modos do chefe da expedição lhe repugnavam. Esta preferencia, que elle não soubera disfarçar, irritára sobremaneira o nosso heroe, susceptivel, como todos os homens, superiores só por um lado e que reconhecem a sua inferioridade no resto. Demais Atahualpa de todas as artes europeas a que mais apreciára era a do ler e escrever. Parecia lhe isso um dom divino. Não sabia elle se era talento natural ou adquirido. Pedio uma vez a um soldado hespanhol que escrevesse a palavra Deos no muro da sua prisão. O hespanhol satisfez-lhe o desejo. Em seguida pedio o Inca a todos que lhe appareceram que lessem essas letras, e todos, sem hesitarem um instante, leram a mesma cousa. Veio o chefe e o inca repetiu a pergunta, e, sendo Pizarro obrigado a confessar que não sabia ler, o inca não pôde occultar o desprezo que lhe inspirava um general menos instruido do que os seus soldados. Nunca lh'o perdoou esse espirito que a tanta alteza de pensamentos juntava sentimentos tão baixos, e a morte do soberano do Perú foi desde então caso decidido.

Foi então que se revelou plenamente o cynismo fanatico destes homens; foi então que se representou uma comedia, horrenda e repugnante, se os actores a representaram com a consciencia plena e inteira do que faziam, estupenda se julgavam praticar um acto naturalissimo. Os vencedores não quizeram invocar simplesmente, para assassinar Atahualpa, o direito do mais forte, não se limitaram a usar em toda a sua extensão, do direito de conquista, palliaram o seu crime com as formalidades mais burlescas, e, invasores, sem motivo, de um paiz independente, em que nunca tinham ouvido fallar, e que nunca ouvira fallar delles, constituiram-se em tribunal, julgaram e sentencaram Atahualpa, accusado e convicto dos seguintes crimes:

1.º De ter, sendo bastardo, expulso do throno o seu legitimo soberano e de o ter mandado assassinar. O crime era verdadeiro, mas só um compatriota de D. Quixote se podia julgar com direito de intervir nas mudanças politicas d'um paiz, com o qual nunca tinha tido as mais leves relações.

2.º De ser idolatra, e de ter offerecido sacrificios humanos aos seus falsos deuses. Singular meio de prégar a religião christã!

3.º De ter um grande numero de concubinas. Francisco Pizarro feito propugnador da moralidade universal!...

4.º De ter, depois da sua prisão, desbaratado os seus thesouros reaes, que desde esse momento pertenciam aos seus conquistadores. Como a bolsa do viajante pertence ao ladrão, logo que este lhe põe o punhal ao peito.

5.º Finalmente de ter incitado os seus vassallos a pegarem em armas contra os hespanhoes. Era a fabula do lobo e do cordeiro posta em acção por Pizarro que nunca lera Phedro, mas que o adivinhára.

Esta sanguinolenta comedia representou-se com todo o apparatus judicial. Nomeou-se um advogado *ex-officio* para defender o inca prisioneiro, foram chamadas e inqueridas testemunhas, lavrou-se auto do processo.

O pobre Atahualpa assistio estupefacto a esta representação que não podia perceber, e não sabia se mais se devia rebelar contra a crueldade e perfidia dos seus vencedores, se admirar o seu impassivel descaramento. O inca foi condemnado á morte.

Finalmente para que nada faltasse a esta farça de que não ha outro exemplo na historia universal, veio tambem a scena religiosa. O padre Valverde ousou propôr a Atahualpa que adoptasse a religião, cujos ministros e sectarios se lhe apresentavam debaixo d'um aspecto por tal fórma hediondo e vil. Tambem devemos confessar que o unico argumento de que se servio foi a promessa de se lhe conceder morte mais suave, se consentisse em deixar-se baptisar. Atahualpa, abatido já por tão largo martirio, e não sabendo que horrendas torturas poderia inventar a fecunda imaginação dos seus algozes, a tudo se resignou para que os seus padecimentos findassem d'um modo menos cruel. Effectivamente essa ultima promessa cumpriu-se. Em vez de ser queimado vivo, Atahualpa foi simplesmente enforcado.

A morte do infeliz inca abateu completamente a pouca energia dos seus subditos, mas os seus ultimos gemidos resoaram na historia, e o seu

espectro devia perseguir bastantes vezes os sonhos de Pizarro, como persegue perante a posteridade o seu nome, que pronunciamos com admiração e horror. O sangue de Atahualpa estampou eterna macula na gloria do descobridor, e conquistador do Perú.

Mas a justiça divina não esperou que soasse a hora do passamento para fulminar o criminoso. Na morte do inca finda a segunda parte da existencia de Pizarro. Agora continuam os crimes, e a prosperidade, mas já começa a expiação.

(Continua)

OS OVOS E OS CAVALLOS

Conto dinamarquez (1)

Era uma vez um homem que visitava todas as cidades, villas e campos com uma carruagem cheia de ovos e um grande numero de cavallos. Deixava ovos nas casas onde a mulher representava de chefe, e cavallos n'aquellas em que o homem governava. Assim distribuia uma quantidade infinita de ovos, mas dos cavallos nunca podia desfazer-se.

Um dia, entrou em uma casa onde tudo parecia indicar que o homem era o dono. Resolveu passar ali a noite, e, na manhã do dia seguinte, quando tratava de fazer as suas despedidas, disse ao marido que se dignasse escolher de entre dois cavallos, um alazão e outro preto, o que mais lhe agradasse; pois desejava offerecer-lh'o como prova do seu reconhecimento pelo bom tratamento que lhe fizera.

— N'esse caso, disse o homem, ficarei com o alazão.

— Não, exclamou a mulher; pareces-me tolo... o preto é melhor.

— Bem, replicou o marido; uma vez que assim o entendes, minha filha, escolherei o preto.

Mas ficaram envergonhadissimos quando viram o estrangeiro retirar-se com todos os seus cavallos e deixar-lhes apenas um ovo.

UMA OBRA DO SECULO IX

7. Arcadio com reu irmão Honorio, reinou XIII annos. N'esta época, o bispo S. Agostinho resplandecia com a sabedoria da sua doutrina, e Donato bispo de Epiro assignalava-se por suas virtudes. Este, vendo um enorme dragão e cuspidolhe no focinho, matou-o; e oito juntas de bois apenas podiam arrastal-o á fogueira em que foi queimado. Pelo mesmo tempo, os corpos dos Santos Prophetas Habacuh e Micheas, são descobertos por divina revelação. Floresce Theophilo. Os Godos acommettem a Italia e os Vandalos e os Alanos as Gallias.

8. Honorio com Theodosio menor, filho de seu irmão reinaram XV annos. Durante o imperio dos Godos apoderaram-se de Roma, e os Vandalos, os Alanos, e os Suevos, occupam as Spanias. Celebra-se em Carthago um concilio composto de CCXIV Bispos.

(1) Gamle danske Minder i Folkemund: Velhas recordações do povo dinamarquez editadas por Svend Grundtvig. Nova serie. Copenhagen, 1857, p. 125.

Cyrilo, que era bispo de Alexandria, assignalase particularmente.

Theodosio o Menor, filho de Arcadio, reinou XXVII annos. Os Vandalos passam d'Hispanha a Africa, e arruinam ali a fé catholica com a impiedade arriana. Reune-se em Epheso um concilio de Bispos contra Nestorio. Pelo mesmo tempo, o diabo, apparecendo em Creta aos judeus em figura de Moysés, promette-lhes conduzil-os por mar a pé enxuto á terra de promissão, mas tendo morrido muitos, converteram-se outros ao christianismo.

9. Marciano, reinou VI annos. No principio do seu reinado, celebra-se um concilio em Calcedonia. Theodorico, rei dos Godos, á frente de um numeroso exercito, entra em Spania.

Leão Maior, com Leão Menor, reinou XVI annos.

Zenon, reinou XVII annos. N'aquelle tempo, e pela revelação do mesmo, encontrou-se o corpo de S. Bernabé Apostolo, e o Evangelho de S. Matheus.

Anastacio, reinou XXVII annos. N'esta occasião, Fulgencio, Bispo, resplandeceu por sua sabedoria e doutrina. Nascem muitas heresias.

(Continúa)

TERÇA FEIRA!

Rompêra a manhã sombria,
D'estas, que fazem tristeza.
Em profunda calmaria
Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas
Vinham quebrar-se na areia.
Que mar tanto para esp'ranças!
Que enganadora sereial

O arraes, por entre os palheiros,
«AO mar!» grita, «ao mar! aos remos!
«Para as lanchas, companheiros,
«Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,
Essa raça destemida,
Que a morte, sem medo, arrosta.
N'um momento é toda erguida.

Eil-os na praia. Cantando,
Se dão á tarefa santa.
Que n'esse valente bando,
Quem mais trabalha, mais canta.

São todos? Todos, não. Falta
Da companha o mais valente.
Esta nova sobressalta
O peito d'aquella gente.

«Partir sem elle! Por Christo,
«Que a primeira vez seria.
«Em qualquer lance imprevisto,
«Quem tanto nos valeria?

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos o braço treme.

Ora, no pobre palheiro
Do pescador, que tardava,
Eis o que, ao alvor primeiro
D'esta manhã, se passava:

Elle acordara e, na esposa
Que ao lado dorme tranquilla,
Repousa a vista amorosa
E, ao despertal-a, vacilla.

Vacilla — se é tão suave
Aquelle dormir, tão brandol
Mas não sei que idéa grave
Lhe está na mente pesando.

Terno, a esposa ao seio aperta
E lhe diz, com gesto ameno:
«Mulher, teu filho desperta,
«Acorda-me esse pequeno.

A joven mãe estremece;
«Que acorde meu filho, dizes!
«Deixa-o dormir. Deus lhe dêsse
«Sempre assim somnos felizes.

—«Acorda teu filho, acorda;
«Tal dormir não é p'ra elle.
«Tempo é que da lancha á bórda.
«Como os outros tambem vele.

—«As lanchas! ao mar! pois queres...»
E a mãe empallidecia.

—«N'esta vida de mulheres
«Não é que um homem se cria.

—«Mas tão novo...»—«Inda mais novo
«Meu pae me levou comsigo.»
—«Mas...»—«Já se falla entre o povo
«Do rapaz»—«Mas ouve, amigo.»

E a voz tremula, chorosa
Quasi em pranto se afogava.
Curvara-se ao mar a esposa,
Mas a mãe, essa, hesitava.

Hesitava, que se lhe ia
A alma toda, dando aos mares
O filho, a sua alegria,
O lume dos seus olhares.

—«Ouve»—murmura chorando,
«Por Deus te vou pedir isto!»
E depois, em tom mais brando
«Em nome de Jesus-Christo!

«Deixa-m'o ficar, marido,
«Hoje só, ai, hoje ao menos,
«Fraco auxilio, o recebido
«Dos braços d'esses pequenos.

«Bem sabes que tudo os cança;
«Sempre sois tão deshumanos!
«E depois essa criança
«Inda não fez os dez annos.

—«Agoura-me bem o dia,
«Para lhe abrir a carreira;»
—«Porém, ó virgem Maria,
«E hoje então, que é terça feira!»

—«Mulher, deixa essas idéas,
«Iguaes são todos os dias.
«Em maus agoiros não creias,
«Se é que no Senhor confias.»

«Aprompta, teu filho aprompta,
«Que hoje ha de entrar na partilha.
«É olha que o sol já desponta,
«Anda, acorda-o, minha filha.»

(Continúa)